

# Interdiscurso e memória discursiva: um estudo do discurso “Uma grande amizade”

Adriana RECLA

## *Considerações iniciais*

Este capítulo tem como tema o estudo do interdiscurso e da memória discursiva em práticas discursivas indígenas tupiniquins<sup>34</sup>. Tal escolha dá-se em razão de termos verificado que as manifestações discursivas dessa população têm sido pouco divulgadas e discutidas no universo acadêmico, com raras publicações sob o ponto de vista discursivo.

Nosso objetivo consiste em depreender as múltiplas dimensões que o discurso “Uma grande amizade”, produzido por sujeitos

---

34 A população indígena tupiniquim está localizada no município de Aracruz, no estado do Espírito Santo (ES).

tupiniquins da aldeia “Caieiras Velhas”, e, publicado na coletânea “Os tupiniquim e Guarani contam...” (2005) apresenta, buscando explicitar o funcionamento dessa prática discursiva e os efeitos de sentido que dela emergem. Tomamos como respaldo teórico-metodológico os trabalhos de Maingueneau (1993; 2005a; 2005b). Evidenciamos, particularmente, as hipóteses propostas pelo autor, a saber: primado do interdiscurso, competência interdiscursiva, semântica global e prática discursiva. Para a análise, elegemos as seguintes categorias: o interdiscurso, as cenas de enunciação (em especial, a cenografia) e o *ethos* discursivo.

Justificamos a escolha da Análise do Discurso de Linha Francesa (doravante AD), por compreendermos que ela traz uma significativa contribuição ao estudo dos enunciados, dado que não os separa de sua materialidade linguística nem de suas condições de produção, abrindo-se à interdisciplinaridade.

Ao procedermos à análise, verificamos que a constância do contato intercultural levou os tupiniquins a se apropriarem da formação discursiva do branco. Por essa razão, a presença de diferentes discursos, tais como o religioso, o místico, o da colonização/do dominador, o do aculturamento, o da violência, entre outros, nos leva a entrecruzamentos presentes nas relações interdiscursivas, os quais foram se incorporando ao discurso produzido pelo indígena por meio da memória discursiva, e, atualmente, fazem parte de sua prática discursiva. Não há como negar que o formato, o tema, o código linguageiro, a interdiscursividade, as cenas de enunciação, a construção do *ethos*, entre outros elementos, são afetados, pois se inscrevem nas próprias condições do funcionamento da prática discursiva. Enfim, esse discurso está subordinado, por sua prática discursiva, a determinadas condições que definem sua legitimidade.

Com relação ao percurso, organizamos o capítulo inicialmente com as considerações iniciais. Em seguida, apresentamos as noções fundamentais para a compreensão da AD na atualidade e sua aplicação no *corpus* que constituímos. Na sequência, discutimos as noções de interdiscurso e competência discursiva de modo a situar o leitor em nosso percurso teórico-metodológico. No tópico seguinte, analisamos o *corpus* à luz das categorias de análise selecionadas: o interdiscurso, a cenografia e o *ethos* discursivo, com o intuito de explicitarmos o funcionamento de uma prática discursiva produzida por indígenas tupiniquins, bem como depreender os efeitos de sentido que dela emergem.

### *Pressupostos teórico-metodológicos da AD*

Ancoramo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da AD, cujo panorama vem se desenhando desde os anos 60 do século passado, quando surgiu para aprofundar os pressupostos trazidos pela Sociolinguística, pela Pragmática e pela Teoria da Enunciação. Nesse contexto, a Linguística compreendia a linguagem como sistema de signos e regras formais, enquanto a gramática normativa prendia-se a explicar as regras do bem dizer. Embora opere com conceitos da Linguística, a AD não se limita apenas a um estudo linguístico.

É exatamente na década de 60, sob a égide do estruturalismo, que começa a emergir um cenário intelectual marcado por duas rupturas: na primeira, a Linguística, passa a não mais considerar o sentido apenas como conteúdo, redirecionando a análise para o modo como um texto funciona; e na segunda, ocorre a mudança no modo como os intelectuais passam a conceber a leitura, ou seja, como a construção de um dispositivo teórico e não mais como de-

codificação. É nesse cenário que a AD coloca em xeque a noção de interpretação, questionando-a, dado que ela ultrapassa a materialidade linguística.

Nessa perspectiva, a AD se volta para o estudo do texto, concebendo-o como discurso fornecedor de elementos linguísticos da prática sócio-histórica do sujeito. Maingueneau (1993) destaca que com o desenvolvimento da AD, a noção de o discurso passa a ser incorporada como uma atividade de sujeitos inscritos em determinados contextos. Assim, a AD institui o discurso como objeto de estudos, compreendendo o texto como uma unidade linguística portadora de significação que preside a textualização.

Verificamos, com base em Maingueneau (1993), que a AD trouxe uma imensa contribuição ao estudo dos enunciados, dado que não os separa de sua materialidade linguística, nem de suas condições de produção, abrindo-se à interdisciplinaridade. Enfim, ampliou as dimensões do discurso que passam a ser mais amplas do que o sentido do texto, pois o discurso não pode ser o objeto de uma abordagem apenas linguística.

Neste capítulo, destacamos a noção de cena enunciativa, que, segundo Maingueneau (2005b), é constituída por três cenas em uma tripla interpelação: a cena englobante, que define o tipo de discurso, a cena genérica, a qual define o gênero de discurso, e, por último, a cenografia, que se constrói no próprio texto. Para Maingueneau (1993), todo texto pertence a uma categoria de discurso, a uma cena genérica. As categorias variam em função do uso que delas se faz, ou seja, a forma de caracterizá-lo é bem diversificada em razão da diversidade dos tipos de texto existentes em determinada sociedade, e, o analista do discurso não pode ignorá-los.

Para a análise que empreenderemos, o conceito de cenografia é relevante em razão de a construção da cenografia possibilitar a

identificação do co-enunciador com a pluralidade de identidades do enunciador, apresentadas no próprio discurso e por ele.

Para Maingueneau (2005a, p. 77):

*[...] cenografia, como em qualquer situação de comunicação, a figura do enunciador, o fiador e a figura correlativa do co-enunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge.*

De certo que o discurso, por meio do que diz, tem de justificar a cenografia que impõe desde o início, ou seja, legitima-se traçando um enlaçamento (MAINGUENEAU, 2005a). Tomamos, desse modo, a concepção de discurso como uma prática discursiva por compreendermos que é por meio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar a cenografia imposta.

A cena enunciativa está fortemente ligada ao conceito de *ethos* por causa da distribuição de papéis imposta pelos gêneros do discurso e até mesmo pela cenografia, que condiciona o tom específico a partir do qual fala o enunciador. A categoria *ethos* se configura também como um fenômeno interativo de influência sobre o outro, o qual só é possível de ser apreendido na cenografia que condiciona o tom específico pelo qual fala o enunciador.

Maingueneau (2005a) assevera que o *ethos* associa-se a um gênero de discurso, uma vez que o pertencimento de um texto a um posicionamento ou a algum gênero de discurso permite ao co-enunciador elaborar expectativas em termos de *ethos*. A noção de *ethos* está ligada ao ato de enunciação, ou seja, ao próprio dizer do sujeito que fala e não a um saber extradiscursivo sobre o enun-

ciador. Nessa perspectiva, temos o *ethos* como uma categoria integrante da cena de enunciação, integrada ao plano de enunciação, depreendida do/no discurso.

Vale destacar que a noção de *ethos* foi reinterpretada por Maingueneau (1993) ao propor que cada discurso tem uma vocalidade específica que se manifesta por meio de um tom que se alicerça sobre uma dupla dimensão discursiva da figura do enunciador: a de caráter e a de corporalidade<sup>35</sup>, indo além da concepção retórica de *ethos*. O autor também teoriza que o discurso tem o seu corpo textual que não se mostra, mas está presente por toda parte, disseminado em todos os planos discursivos (MAINGUENEAU, 2005b, p. 95).

Outra importante noção ressignificada por Maingueneau (2005b) é a discursividade. Ao asseverar que ela não pode ser pensada como um conjunto de textos, mas sim como uma prática discursiva, Maingueneau (2005b, p. 142) amplia a noção do limite do discurso, admitindo-se pensar a discursividade como uma rede operada em torno de “uma semântica global fundamentalmente dialógica”. Trata-se da hipótese da semântica global, proposta por Maingueneau (2005b), em que todas as instâncias do discurso obedecem a um sistema de restrições semânticas que visa a determinar um filtro fixador dos critérios que tornam o discurso pertencente a determinado posicionamento.

Desse modo, quando procedemos, neste capítulo, à análise do discurso selecionado, não teremos um estudo do discurso puramente, mas sim o de uma prática discursiva que levará ao desvelamento de um sistema de relações semânticas, históricas e culturais, indo muito além da análise de unidades linguísticas.

35 A noção de caráter é apreendida como um conjunto de características psicológicas e a noção de corporalidade como uma certa maneira de “movimentar” no espaço social.

## *Noção de interdiscursivo e de competência (inter) discursiva*

Apoiados em Maingueneau (2005b), entendemos que o discurso deve ser considerado no bojo de um interdiscurso, pois cada gênero de discurso tem a sua forma particular de tratar a multiplicidade de relações interdiscursivas com uma necessidade de relacioná-lo a outros. Toda produção discursiva, de acordo com certas condições conjunturais, faz circular formulações já enunciadas anteriormente.

Para ampliar o estudo dessa noção, em que a discursividade só adquire sentido no universo de outros discursos, Maingueneau (2005b) propõe a tripartição dessa noção em: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. O universo discursivo é o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem em um dado momento; trata-se do horizonte a partir do qual serão construídos os domínios suscetíveis de serem estudados: ou seja, o campo discursivo que designa as formações discursivas que se encontram em concorrência em uma região determinada do universo discursivo. Já o espaço discursivo constitui um discurso e os subconjuntos de formações discursivas que o analista entende como sendo relevante para a sua pesquisa.

Maingueneau (2005b) defende que o discurso está articulado à capacidade dos sujeitos de interpretar e produzir enunciados que decorrem dele. Temos, assim, a competência discursiva, a qual não está desvinculada da história nem do que é efetivamente enunciado. Ela opera em torno de um sistema de regras que defini filtros que limitam o que pode ser dito com base em um discurso dado.

Por sua vez, a competência discursiva define o lugar possível dos sujeitos falantes ou, mais especificamente, a uma função vazia que pode ser preenchida por indivíduos até certo ponto indiferentes ao formularem o enunciado.

É importante destacar que o discurso organiza todas as relações de interincompreensão com os discursos com que é posto em relação, no espaço discursivo, por meio de um sistema de restrições semânticas, históricas e culturais, o qual possibilita aos sujeitos identificar enunciados não compatíveis com o sistema de restrições de um determinado posicionamento, o que permite compreender melhor aquilo que foi efetivamente dito. Consideramos, portanto, que a competência discursiva pode ser tomada em uma dimensão interdiscursiva no espaço discursivo de trocas, ou seja, passa a ser uma competência interdiscursiva (MAINGUENEAU, 2005b).

Maingueneau (2005b) avança no modelo de competência interdiscursiva ao asseverar, em seu quadro teórico-metodológico, que a heterogeneidade é de suma importância. Para não incorrer em erro de análise, partindo de pressupostos que busquem a homogeneização, Maingueneau compreende que a competência interdiscursiva impõe a não homogeneidade, não sendo unificada. Ela passa, portanto, a ter um lugar privilegiado, conforme destacamos abaixo:

*[...] porque ela constitui um sistema interdiscursivo que supõe a presença constante do Outro no coração do discurso. Mas também porque, como acaba de ver, ela nos dá os meios para atribuir um estatuto de pleno direito à heterogeneidade: entre os enunciadores que pertencem a mesma formação discursiva, entre os textos de um mes-*



*mo enunciador, e mesmo entre diversas partes de um mesmo texto (MAINGUENEAU, 2005b, p. 60-61).*

Enfim, dispor de um sistema de restrições seja ele semântico, histórico ou cultural permite fixar os limites da heterogeneidade em um campo em que o Mesmo e o Outro parecem indiscerníveis. A interdiscursividade é inerente à linguagem, já que é no interior do interdiscurso que os enunciados produzem efeitos de sentido.

### *O discurso “Uma grande amizade”: a análise<sup>36</sup>*

Antes de procedermos a análise, consideramos essencial falar brevemente sobre os tupiniquins. Esta população indígena com aproximadamente 2.000 habitantes vive no município de Aracruz, na região norte do estado do Espírito Santo, e são considerados os últimos de seu povo. Estão distribuídos em quatro aldeias, a saber: “Caieras Velhas, Pau-Brasil, Irajá e Comboios” (TEAO & LOUREIRO, 2009).

As tradições culturais do povo tupiniquim decorrem dos processos históricos vivenciados pelos seus integrantes. Suas crenças, modos de ser e viver, costumes, arte, organização social fundam a identidade cultural desse povo (RECLA, 2014).

Teao & Loureiro (2009) destacam que, com a colonização europeia, os tupiniquins sofreram profundas influências quanto aos aspectos culturais e, paulatinamente, foram perdendo o território de seus antepassados, bem como de forma gradativa, seus principais elementos como a língua, as danças e os rituais típicos. De-

<sup>36</sup> Esta análise encontra-se em nossa tese (RECLA, Adriana. A semântica global em práticas discursivas indígenas tupiniquins. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014).

vido à assimilação da cultura do branco, o povo tupiniquim fala atualmente apenas o português. Tais modificações também foram alterando os discursos veiculados cotidianamente, em virtude do contato com outras culturas.

Assim, a história dos tupiniquins, a exemplo do que aconteceu em outras regiões brasileiras, mostra o desaparecimento dessa etnia da história, da sociedade e das narrativas histórico-sociais do território espírito-santense.

Abaixo, transcrevemos o discurso “Uma grande amizade”, da aldeia “Caeiras Velha”<sup>37</sup>, cuja análise será feita a seguir:

### *Uma grande amizade*

Em um lugar muito distante nasceram dois meninos, no mesmo dia. Um dos meninos era filho de um rei e se chamava Alexandre e o outro era filho de um sapateiro e foi chamado de João. Os dois meninos, Alexandre e João, se conheciam. Alexandre descia do seu castelo para brincar com João que morava em uma humilde casinha. Eles viviam como se fossem irmãos e nunca se separavam.

Um dia Alexandre ouviu seu pai falando que João estava ensinando muita coisa errada para seu filho e por isso iria mata-lo.

Ouvindo isso, Alexandre ficou desesperado, pois jamais conseguiria ficar sem seu querido amigo. Então Alexandre falou para João:

---

37 É a maior e a mais populosa das aldeias tupiniquins, com cerca de 1.300 habitantes. Essa população apresenta maior grau de urbanização e é apontada como um núcleo populacional antigo que não sucumbiu ao processo de expropriação territorial intensificado com a chegada de indústrias na região.

— João, nós vamos nos separar mas o que eu achar eu levo para você e o que você achar leva para mim.

E assim ficou combinado os dois partiram para rumos opostos.

Depois de ter andado algum tempo, Alexandre achou uma aliança e pegou para dar a João.

Depois de ter andado alguns dias João encontrou uma moça e levou-a para dar a Alexandre. Os dois ficaram separados bastante tempo até que um dia se encontraram.

João entregou a moça ao amigo e ganhou do seu amigo uma aliança que colocou no dedo. Juntos, os três seguiram o caminho, quando pararam para descansar embaixo de uma grande árvore veio uma pomba e falou:

— Serpente cobra já morreu, sua filha cá já vai. Se passar embaixo do pé de figo e se dele comer pedra má se tornará.

Continuaram andando, mais à frente, veio outra pomba e falou:

— Serpente cobra já morreu, sua filha cá já vai.

Se passar perto do rio e beber da sua água pedra má se tornará.

Andaram mais um pouco, apareceu uma terceira pomba e falou:

— Serpente cobra já morreu, sua filha cá já vai.

Se passar naquela pedra antes das quatro horas, pedra má se tornará.

Depois de um certo tempo de caminhada, passaram perto de um pé de figo. A moça olhou os figos tão bonitos e maduros e teve vontade de comê-los. Os dois amigos

*foram lá, comeram os figos maduros e depois pegaram os que estavam no chão e levaram para moça, os figos estavam podres e murchos. A moça não pode comê-los. Mais adiante passaram perto do rio, vendo aquela água tão limpa a moça teve vontade de beber. Os dois foram pegar um pouco de água. Chegaram ao rio beberam água, sujaram-na e levaram um pouco para a moça, mas esta não pode beber.*

*Os três amigos continuaram sua viagem sem destino. Lembraram-se então do último aviso da pomba. Adiantaram seus relógios e quando passaram pela pedreira já eram quatro horas. A pedreira detonou: Bum! Ao longe se ouviu o estrondo.*

*Logo adiante encontraram uma casa e bateram na porta, ninguém atendeu. Bateram novamente e nada aconteceu. Decidiram entrar, pois estavam cansados e com muita fome. Como não havia ninguém na casa tomaram banho, comeram, fizeram as camas e foram dormir. Nessa casa havia um enorme buraco no teto e João se ofereceu para ficar vigiando pois temia que algo pudesse acontecer.*

*Altas horas da noite quando o casal dormia tranquilamente, apareceu no buraco do telhado uma serpente querendo pegar a moça. Vendo aquele enorme animal, João pegou sua espada. Luta dali, luta daqui, e depois de tanto lutar conseguiu vencer a serpente e cortou-a em vários pedaços, naquele momento caiu uma gota de sangue no rosto da moça. João ficou desesperado, pegou os pedaços da serpente colocou na mala que se encontrava no canto da sala para que ninguém a visse. Mas o que fa-*

zer com o sangue no rosto da moça. Como iria limpá-lo, pensou. Com um pano? Não, ela acordaria. Com o dedo também não dava. Então ele teve uma ideia.

Passaria a ponta da língua como ela era morna a moça não sentiria. E assim fez mas quando passou a língua a moça acordou e assustada começou a gritar dizendo que João estava mexendo com ela. Alexandre não acreditava que o seu amigo estava beijando sua querida mulher.

Houve uma grande confusão. E como um passe de mágica eles se viram na cidade com João sendo colocado à força.

Antes de ser enforcado João pediu licença para falar, ele contou a sua história:

— Eu encontrei essa moça e levei para o meu amigo, andamos juntos por muito tempo. Certo dia apareceu uma pomba e falou:

— Serpente cobra já morreu sua filha cá já vai. Se passar perto do pé de figo e se dele comer. Pedra má se tornará. Quando ele acabou de falar muitas pedras surgiram em suas pernas. Ele continuou:

— Outra pomba apareceu e falou: “Serpente cobra já morreu, sua filha cá já vai. Se passar perto do rio e beber da sua água pedra má se tornará”.

Quando acabou mais pedras surgiram até acima do umbigo, novamente ele falou:

— Apareceu a terceira pomba e disse: “Serpente cobra já morreu, sua filha cá já vai. Se passar pela pedreira antes das quatro horas, pedra má se tornará”.

— Depois disso veio uma enorme serpente e eu a matei, mas quando tentei limpar o sangue no rosto da moça

*aqui me colocaram.*

*Quando João acabou de falar mais pedras surgiram e cobriram todo o seu corpo.*

*Alexandre começou a chorar, agora entendera o que havia acontecido. João só estava tentando proteger sua amada.*

*Todos os dias Alexandre visitava João para ver como ele estava. Um dia, falou para o amigo que sua amada estava grávida e que seu filho iria ser homem. Passado algum tempo o filho do príncipe nasceu, ele ficou muito feliz. Um dia quando sua amada saiu para igreja, Alexandre foi visitar o amigo e João perguntou-lhe:*

*— Alexandre, você é meu amigo? Seria capaz de fazer qualquer coisa para me salvar?*

*— Sim, João, seria.*

*— Então você compra uma bacia e uma espada que nunca foram usadas e leve-as para casa. Pegue o menino, abra-o no meio e coloque seu sangue na bacia, depois traga o sangue e jogue-o sobre mim.*

*E assim Alexandre fez, quando jogou o sangue em cima do amigo a maldição se desfez e as pedras voaram longe. Nesse momento se viram dentro de uma linda igreja. Alexandre estava com sua esposa, e João também, pois a aliança que ele recebera de Alexandre, se transformou em uma bela moça. Os quatro se casaram e viveram felizes para sempre.*

*Contada por Alexandre (89 anos)*

*Escrita por Marciana*

*Revisada por Marciana*

A seguir, procedemos à análise.

## *Recorte [1]*

*Em um lugar muito distante nasceram dois meninos, no mesmo dia. Um dos meninos era filho de um rei e se chamava Alexandre e o outro era filho de um sapateiro e foi chamado de João. Os dois meninos, Alexandre e João, se conheciam. Alexandre descia do seu castelo para brincar com João que morava em uma humilde casinha. Eles viviam como se fossem irmãos e nunca se separavam.*

*Um dia Alexandre ouviu seu pai falando que João estava ensinando muita coisa errada para seu filho e por isso iria matá-lo.*

*Ouvindo isso, Alexandre ficou desesperado, pois jamais conseguiria ficar sem seu querido amigo. Então Alexandre falou para João:*

*— João, nós vamos nos separar mas o que eu achar eu levo para você e o que você achar leva para mim.*

*E assim ficou combinado os dois partiram para rumos opostos.*

*Depois de ter andado algum tempo, Alexandre achou uma aliança e pegou para dar a João.*

*Depois de ter andado alguns dias João encontrou uma moça e levou-a para dar a Alexandre. Os dois ficaram separados bastante tempo até que um dia se encontraram.*

*João entregou a moça ao amigo e ganhou do seu amigo uma aliança que colocou no dedo. Juntos, os três segui-*

*ram o caminho, quando pararam para descansar embaixo de uma grande árvore veio uma pomba e falou:*

*— Serpente cobra já morreu, sua filha cá já vai. Se passar embaixo do pé de figo e se dele comer pedra má se tornará.*

*Continuaram andando, mais à frente, veio outra pomba e falou:*

*— Serpente cobra já morreu, sua filha cá já vai.*

*Se passar perto do rio e beber da sua água pedra má se tornará.*

*Andaram mais um pouco, apareceu uma terceira pomba e falou:*

*— Serpente cobra já morreu, sua filha cá já vai.*

*Se passar naquela pedra antes das quatro horas, pedra má se tornará.*

*Depois de um certo tempo de caminhada, passaram perto de um pé de figo. A moça olhou os figos tão bonitos e maduros e teve vontade de comê-los. Os dois amigos foram lá, comeram os figos maduros e depois pegaram os que estavam no chão e levaram para moça, os figos estavam podres e murchos. A moça não pode comê-los. Mais adiante passaram perto do rio, vendo aquela água tão limpa a moça teve vontade de beber. Os dois foram pegar um pouco de água. Chegaram ao rio beberam água, sujaram-na e levaram um pouco para a moça, mas esta não pode beber.*

No recorte [1], o estatuto do enunciador, no intuito de legitimar os dizeres, apresenta a cenografia, marcada pela topografia “Em um lugar muito distante” e pela cronografia “no mesmo dia”.



Além disso, destaca dois personagens: um rico e um pobre, como verificamos no seguinte enunciado:

*Em um lugar muito distante nasceram dois meninos, no mesmo dia. Um dos meninos era filho de um rei e se chamava Alexandre e o outro era filho de um sapateiro e foi chamado de João.*

A aparente naturalidade com que se constrói a cenografia apresentada é denunciadora do processo de colonização a que esse povo foi submetido ao longo do tempo, como podemos atestar na escolha dos nomes das personagens Alexandre e João, os quais são de origem ocidental. Temos, assim, a presença do discurso do aculturamento.

Notamos, ainda, que o discurso direto atravessado pelo discurso indireto contribui para conduzir o co-enunciador para a cenografia e permite criar os efeitos de sentido que vão sendo construídos ao longo do discurso, como vemos a seguir:

*Ouvindo isso, Alexandre ficou desesperado, pois jamais conseguiria ficar sem seu querido amigo. Então Alexandre falou para João:*

*— João, nós vamos nos separar mas o que eu achar eu levo para você e o que você achar leva para mim [grifos nossos].*

Esse aspecto é muito relevante nesse discurso, pois com tal procedimento o co-enunciador entra na cena e colabora para a construção do discurso. Recordamos que só podemos depreender o estatuto do enunciador e do co-enunciador em um quadro de

uma cenografia. Para isso, o enunciador deixa pistas de sua imagem nas escolhas lexicais e no modo como vai realizando a coesão. Como exemplo, temos o enunciado: “Serpente cobra já morreu, sua filha cá já vai. Se passar perto do rio e beber da sua água pedra má se tornará”.

Chama-nos a atenção o fato de que o enunciador recorre ao interdiscurso, que, com as devidas ressalvas, remete-nos ao conhecimento da simbologia da pomba e a da serpente, utilizada em algumas religiões, com atestamos em:

*Juntos, os três seguiram o caminho, quando pararam para descansar embaixo de uma grande árvore veio uma pomba e falou:*

— *Serpente cobra já morreu, sua filha cá já vai.*

Desse modo, os efeitos de sentido provocados pelo interdiscurso se estabelecem pela interação da memória discursiva e colaboram para legitimar a fala da voz enunciativa.

O enunciador, ao apresentar a cenografia que segue, tem o propósito de cooperar para que o co-enunciador vá construindo a temática do discurso como pode ser observado em:

*Eles viviam como se fossem irmãos e nunca se separavam. Um dia Alexandre ouviu seu pai falando que João estava ensinando muita coisa errada para seu filho e por isso iria matá-lo. Ouvindo isso, Alexandre ficou desesperado, pois jamais conseguiria ficar sem seu querido amigo [grifos nossos].*

O tom tecido no discurso é o da amizade. Para tanto, o fiador legitima o discurso com base em indícios levantados pelo co-enunciador. Como o *ethos* está diretamente ligado à capacidade de suscitar a crença no co-enunciador, a imagem do enunciador é construída por meio das características linguísticas e sociais, nesse caso, de amigo, corajoso e destemido, como podemos atestar em:

*Um dia Alexandre ouviu seu pai falando que João estava ensinando muita coisa errada para seu filho e por isso iria matá-lo.*

*Ouvindo isso, Alexandre ficou desesperado, pois jamais conseguiria ficar sem seu querido amigo. Então Alexandre falou para João:*

*— João, nós vamos nos separar mas o que eu achar eu levo para você e o que você achar leva para mim.*

## *Recorte [2]*

*Os três amigos continuaram sua viagem sem destino. Lembraram-se então do último aviso da pomba. Adiantaram seus relógios e quando passaram pela pedreira já eram quatro horas. A pedreira detonou: Bum! Ao longe se ouviu o estrondo.*

*Logo adiante encontraram uma casa e bateram na porta, ninguém atendeu. Bateram novamente e nada aconteceu. Decidiram entrar, pois estavam cansados e com muita fome. Como não havia ninguém na casa tomaram banho, comeram, fizeram as camas e foram dormir.*

*Nessa casa havia um enorme buraco no teto e João se ofereceu para ficar vigiando pois temia que algo pudesse acontecer.*

*Altas horas da noite quando o casal dormia tranquilamente, apareceu no buraco do telhado uma serpente querendo pegar a moça. Vendo aquele enorme animal, João pegou sua espada. Luta dali, luta daqui, e depois de tanto lutar conseguiu vencer a serpente e cortou-a em vários pedaços, naquele momento caiu uma gota de sangue no rosto da moça. João ficou desesperado, pegou os pedaços da serpente colocou na mala que se encontrava no canto da sala para que ninguém a visse. Mas o que fazer com o sangue no rosto da moça. Como iria limpá-lo, pensou. Com um pano? Não, ela acordaria. Com o dedo também não dava. Então ele teve uma ideia.*

*Passaria a ponta da língua como ela era morna a moça não sentiria. E assim fez mas quando passou a língua a moça acordou e assustada começou a gritar dizendo que João estava mexendo com ela. Alexandre não acreditava que o seu amigo estava beijando sua querida mulher.*

Nesse recorte, para reforçar o que pretende dizer e facilitar o entendimento do co-enunciador, o enunciador cria uma cenografia sobrenatural utilizando elementos místicos e, ao mesmo tempo, traz à tona a presença do interdiscurso místico, atestado no fragmento a seguir:

*Altas horas da noite quando o casal dormia tranquilamente, apareceu no buraco do telhado uma serpente*

*querendo pegar a moça. Vendo aquele enorme animal, João pegou sua espada. Luta dali, luta daqui, e depois de tanto lutar conseguiu vencer a serpente e cortou-a em vários pedaços, naquele momento caiu uma gota de sangue no rosto da moça.*

Ao fazer alusão ao interdiscurso místico, o enunciador assume seu posicionamento diante desse discurso, trazendo para a constituição desse discurso outro discurso, com o qual conserva certa relação, já que no discurso indígena é forte a presença da crença no misticismo. Esse aspecto reforça a construção do tema, o que mantém o co-enunciador enlaçado na cena.

### *Recorte [3]*

*Houve uma grande confusão. E como um passe de mágica eles se viram na cidade com João sendo colocado à forca.*

*Antes de ser enforcado João pediu licença para falar, ele contou a sua história:*

— *Eu encontrei essa moça e levei para o meu amigo, andamos juntos por muito tempo. Certo dia apareceu uma pomba e falou:*

— *Serpente cobra já morreu sua filha cá já vai. Se passar perto do pé de figo e se dele comer. Pedra má se tornará. Quando ele acabou de falar muitas pedras surgiram em suas pernas. Ele continuou:*

— *Outra pomba apareceu e falou: “Serpente cobra já morreu, sua filha cá já vai. Se passar perto do rio e beber*

*da sua água pedra má se tornará”.*

*Quando acabou mais pedras surgiram até acima do umbigo, novamente ele falou:*

*— Apareceu a terceira pomba e disse: “Serpente cobra já morreu, sua filha cá já vai. Se passar pela pedreira antes das quatro horas, pedra má se tornará”.*

*— Depois disso veio uma enorme serpente e eu a matei, mas quando tentei limpar o sangue no rosto da moça aqui me colocaram.*

*Quando João acabou de falar mais pedras surgiram e cobriram todo o seu corpo.*

*Alexandre começou a chorar, agora entendera o que havia acontecido. João só estava tentando proteger sua amada.*

*Todos os dias Alexandre visitava João para ver como ele estava. Um dia, falou para o amigo que sua amada estava grávida e que seu filho iria ser homem. Passado algum tempo o filho do príncipe nasceu, ele ficou muito feliz. Um dia quando sua amada saiu para igreja, Alexandre foi visitar o amigo e João perguntou-lhe:*

*— Alexandre, você é meu amigo? Seria capaz de fazer qualquer coisa para me salvar?*

*— Sim, João, seria.*

*— Então você compra uma bacia e uma espada que nunca foram usadas e leve-as para casa. Pegue o menino, abra-o no meio e coloque seu sangue na bacia, depois traga o sangue e jogue-o sobre mim.*

*E assim Alexandre fez, quando jogou o sangue em cima do amigo a maldição se desfez e as pedras voaram longe. Nesse momento se viram dentro de uma linda igreja.*

*Alexandre estava com sua esposa, e João também, pois a aliança que ele recebera de Alexandre, se transformou em uma bela moça. Os quatro se casaram e viveram felizes para sempre.*

Verificamos, no fragmento que segue, a presença explícita do discurso místico, com a descrição de um ritual macabro, embora, aparentemente, seja para libertar o amigo de uma maldição. Há também a presença do discurso literário (conto de fadas), em que há um mundo ético<sup>38</sup> envolvido: príncipe, amizade, casamento, atestado principalmente no final do discurso. Vejamos:

*Alexandre estava com sua esposa, e João também, pois a aliança que ele recebera de Alexandre, se transformou em uma bela moça. Os quatro se casaram e viveram felizes para sempre.*

Temos também o discurso de violência depreendido dos enunciados a seguir:

*E como um passe de mágica eles se viram na cidade com João sendo colocado à força [grifo nosso]. Então você compra uma bacia e uma espada que nunca foram usadas e leve-as para casa. Pegue o menino, abra-o no meio e coloque seu sangue na bacia, depois traga o sangue e jogue-o sobre mim [grifo nosso].*

38 O mundo ético é ativado por meio da leitura e subsume certo número de situações estereotípicas relacionadas a comportamentos peculiares (situações, lugares, representações coletivas).

Verificamos também nuances do discurso religioso em:

*Nesse momento se viram dentro de uma linda igreja. Alexandre estava com sua esposa, e João também, pois a aliança que ele recebera de Alexandre, se transformou em uma bela moça. Os quatro se casaram e viveram felizes para sempre.*

São essas relações interdiscursivas, apresentadas anteriormente, que possibilitam a interação semântica entre esses discursos, permitindo a constituição desse discurso. Para que ocorra toda a interação discursiva, temos instalado um processo de interincompreensão do sentido dos enunciados do Outro, que por sua vez instala a polêmica, condição inextricável e necessária para a identidade do discurso. Vemos, nesse último excerto, que as relações de interincompreensão com os discursos, com os quais é posto em relação, colaboram para a constituição desse discurso.

O enunciatador, ao engendrar a cenografia do ritual - o sacrifício de uma criança inocente para libertar o amigo de uma maldição - faz com que se instale a polêmica, que gera uma dupla situação: a de amizade e a de sacrifício de modo macabro, discursos contrários/antagônicos. A amizade é posta à prova, como atestamos em:

— *Alexandre, você é meu amigo? Seria capaz de fazer qualquer coisa para me salvar?*

— *Sim, João, seria.*

— *Então você compra uma bacia e uma espada que nunca foram usadas e leve-as para casa. Pegue o menino, abra-o no meio e coloque seu sangue na Bacia, depois traga o sangue e jogue-o sobre mim.*



*E assim Alexandre fez, quando jogou o sangue em cima do amigo a maldição se desfez e as pedras voaram longe [grifos nossos].*

Temos aqui instalada uma interincompreensão que só é resolvida com a interpretação de seu outro de modo peculiar no próprio espaço discursivo daquele que o interpreta.

Finalmente, asseveramos que a perda da identidade linguística se desvela na interferência do aculturamento por meio da escolha lexical, das estruturas sintáticas, da elaboração textual, do trabalho de reescrita, além da padronização da língua portuguesa pelos revisores, entre outros aspectos. Aliás, o fato de os tupiniquins usarem apenas o português já representa um grau de aculturação.

### *Considerações Finais*

À primeira vista, o discurso selecionado é semelhante àqueles ouvidos ou contados pela civilização ocidental, mas se observado por um analista, constata-se que nele está impresso o modo peculiar de o indígena tupiniquim se apropriar de culturas que lhe foram impostas. Portanto, esse discurso revela algo mais do que a versão de uma história passada ou a mera construção subjetiva do povo tupiniquim; materializa espaços discursivos reais.

Foi possível observar que a encruzilhada de interdiscursos constrói cenografias distintas e representativas que nos fazem compreender os modos de manifestações culturais desses povos. O jogo de relações implica no fato de que a competência discursiva se realiza ao apagar os discursos de origem por meio de novos sentidos construídos. Em outras palavras, há uma rede de interação

semântica, histórica e cultural que define um processo de interincompreensão generalizada, condição de diversas posições enunciativas, que desvelam aspectos da cultura desse povo.

Por fim, as relações intertextuais que a competência interdiscursiva do *corpus* analisado define como sendo legítimas, retoma a memória discursiva no interior do discurso indígena, bem como as interferências culturais, históricas e sociais a que os tupiniquins foram submetidos, como se fizessem parte do discurso.

## Referências

- EDUCADORES TUPINIKIM & GUARANI; MUGRABI, Edivanda (Org.). **Os tupinikim e guarani contam...** 2. ed. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3.ed. Tradução Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes: Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Ethos*, cenografia, incorporação. Tradução de Sírio Possenti. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 69-92.
- \_\_\_\_\_. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005b.
- \_\_\_\_\_. **Cenas da enunciação**. Tradução de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Néelson P. da Costa & Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2006.
- RECLA, Adriana. **A semântica global em práticas discursivas indígenas tupiniquins**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.
- TEAO, Kalna Mareto & LOUREIRO, Klítia. **História dos índios do Espírito Santo**. Vitória: Editora do Autor, 2009.